A bênção, Seus Olhos

1ª parte

Capítulo 1

Regina era obsessiva. Tinha obsessões. Pesadelos com monstros, às vezes pensava em alguém sem saber quem… e em ocasiões mencionava o assunto. Até que André resolvia investigar.

- O que faço - perguntou ela - com essas coisas que me perseguem, elas me perseguem obsessivamente… as minhas obsessões, o que faço, o que faço eu com elas? Não paro de lembrar e não consigo esquecer!

- Depende - respondeu André, ponderadamente -. Às vezes é

conveniente encarar a realidade. Mas nem sempre.

Uma paixão incurável como a dele, por exemplo. Era melhor esquecer.

Por que Regina não se apaixonava? Resolveria os problemas dela e ela ficaria curada. E era tão fácil se apaixonar. Desde que sua paixão fosse correspondida, bem entendido, pois se fosse como a dele ela só iria sofrer ainda mais. Se ela fosse feliz com outro, ele é que sofreria mais do que já sofria. Ele se alegraria por ela, sem nenhuma dúvida, e cumpriria seu dever até o fim, enquanto pudesse suportar, prosseguindo com o trabalho normalmente, mas o melhor para ambos seria que ela se apaixonasse por ele, o que parecia impossível.

- Vamos estudar melhor este assunto - disse ele, com paciência infinita -. Vamos remover as causas, se

possível… ou talvez as razões que a levaram a pensar isto ou aquilo já não existam e você não sabe. A que obsessão se refere?

- Devo fechar os olhos à realidade? Há ocasiões em que se devem fechar os olhos à realidade? Há?

- De que adianta se preocupar com a guerra Irã-Iraque? O exército iraniano acaba de lançar uma ofensiva terrestre e invadiu o norte do Iraque, com o apoio do partido democrático do Curdistão.Você tem alguma coisa com isto? Ou sua preocupação vai pôr fim à guerra? Ou pense nela, se quiser, mas não fique obcecada. Seja como for, há coisas mais agradáveis de que se ocupar, ainda mais uma garota bonita como você. A que obsessão se refere? A todas?

- Quando não devo fechar os olhos à realidade?

- Quando ela lhe diz respeito. A guerra na América Central ou a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas a afetam diretamente?

- Nunca sei a diferença.

- Se alguém bate à porta é melhor atender.

- Continuo sem saber se o que me preocupa me diz respeito ou não.

- O que a preocupa?

- Muitas coisas.

- Então está falando de modo geral.

- Não. De algo em particular.

- Do que se trata?

- Já toquei nesse assunto com você. Uma vez conheci uma pessoa. Sempre penso nela… e agora que vi esse filme piorou. Já lhe disse que Jorge Morcego me lembrava meu pai. Não sei por que.

- Quem é essa pessoa?

- Não sei.

- Qual a relação dela com Jorge Morcego?

- São parecidos.

- Não era o Hugo Tomás?

- É claro que não.

- Era um homem?

- Era.

- Ele e Jorge Morcego são parecidos. Jorge Morcego a fazia pensar em seu pai, embora eu não veja semelhança entre um e outro. Esse sujeito também lhe recorda seu pai?

- Sim.

- Mas e daí?

- Devo esquecer?

- Se começar a se preocupar com todo sujeito que se pareça com Jorge Morcego ou seu pai… ou com o Hugo Tomás. Se viesse a conhecer esse

camarada de quem está falando logo começaria a se preocupar com outros que se parecessem com ele. Eu não entendo você. Aonde quer chegar? O que pensa que está fazendo?

Regina não respondeu e André insistiu.

- O que está procurando? Algum ideal amoroso? Acho que isto é a fixação que você tinha em seu pai. Tente racionalizar. Levei você para conhecer Hugo Tomás para que isto deixasse de ser um fantasma na sua cabeça. Seu pai está morto, Hugo Tomás é um ator de cinema e Jorge Morcego não existe, é um personagem de ficção. E não há nenhuma relação entre os três, nenhuma que eu possa ver. Se há, me escapa, a não ser pelo fato de um ter representado o outro no cinema, no caso dos dois últimos.

Regina manteve-se em silêncio.

- Fui com você procurar Natálio para que conhecesse pessoas do seu nível intelectual e não por sua fixação em Jorge Morcego. Ele é um diretor de cinema. Para que conhecesse pessoas sensíveis e inteligentes como você, que sentem angústia como você mas não reagem de forma neurótica como você.

Persistia o silêncio por parte de Regina.

- Pensei que isto fosse acabar em Jorge Morcego. Agora você já me vem com outro. Depois vai aparecer com mais um e em seguida com não sei quantos. É seu pai a quem você procura? Lamento a morte dele, mas é só o que podemos fazer, lamentar. Era um homem bom, eu o considerava um amigo e estou solidário com sua dor. E daí? Vou procurar um substituto para ele? Não

tenho pais vivos. Faço novas amizades todos os dias e ninguém se parece com meus pais nem com os seus ou com quem quer que seja, vivo ou morto.

- Devo esquecer?

- Esse indivíduo de quem falou? Deve. Ele não é uma realidade.

- É uma realidade. Eu vi ele.

André suspirou.

- Esqueça-o.

- Não posso.

André suspirou de novo.

- Quem é ele?

- Já disse que não sei. Não me lembro quando vi ele nem onde.

- Você insiste? Vai continuar a pensar nele?

- Não depende de mim. Foi o que perguntei a você. Depois diz que não o ouço. Ele é uma das minhas obsessões. E eu te perguntei. O que faço com as

minhas obsessões? É por isso que nunca chegamos a nenhum lugar.

André suspirou pela terceira vez. Estava ficando nervoso.

- Por que você pensa nele? Pelo fato de o ter achado parecido com seu pai?

- E com Jorge Morcego.

- Não sei quem é ele. Não posso apresentar ele a você.

Agora foi Regina quem suspirou.

- O que está pensando?

- Nele.

- Não perguntei em quem…

- Mas estou.

- Pensando o que a respeito dele? Não em procurar ele.

- E se estiver?

- Para quê?

- Para esquecer ele, talvez.

- Não esqueceu Jorge Morcego.

- Não conheci Jorge Morcego. Você me apresentou Hugo Tomás. E Hugo Tomás já esqueci há muito tempo.

- Não acha melhor procurar um rapaz de boa família e começar a sair com ele?

- Não.

- Você está sendo teimosa, Regina. Quase tenho vontade de te mandar procurar seu Jorge Morcego Segundo e que fique claro, não conte comigo.

- Estou contando.

- Você é louca.

- Por isto me trato.

- Meu trabalho é honesto. Não é loucura.

- Não vai me ajudar?

- A procurar esse cara?

- É.

- Não.

- Não volto mais aqui.

- Isto é chantagem.

- Pense o que quiser.

- Você está sendo infantil, Regina. Nunca vamos chegar a parte alguma enquanto insistir em ser criança, e só vai deixar de ser criança se começar a me ouvir. Não vou colaborar com essa ideia maluca, seria te prejudicar, não é para isto que vivo. Se quiser podemos conversar o dia inteiro sobre esse camarada. Até você esquecer. Tenho certeza que vai esquecer. Mas não ir procurá-lo. Desista.

- Um prejuízo a mais ou a menos a essa altura não faz a menor diferença para mim.

- Para mim, faz.

Ambos fizeram silêncio. E suspiraram juntos.

- Tem certeza que quer encontrar esse sujeito… para esquecer ele?

- Para que mais?

- Acho que posso te ajudar. Pelo menos vamos descobrir quem é ele. Quando se lembrar talvez desista de procurar por ele. Mas depois não me culpe, se for atrás dele e alguma coisa sair errada.

- Vai me ajudar?

- Vou te ajudar a descobrir quem era esse camarada para que o esqueça. Disse que não sabe quando nem onde o viu. Foi há muito tempo ou há pouco tempo?

- Acho que faz algum tempo.

- É uma resposta e tanto. Quantos anos?

- Se eu soubesse! Não um ou dois.

- Antes ou depois do seu pai morrer?

- Foi antes.

- Quantos anos antes da morte de seu pai? Muitos? Poucos anos?

- Talvez. Não me lembro direito.

- Talvez o quê?

- Hem?

- Um ou dois anos antes da morte de seu pai?

- É possível.

- Então temos quatro anos. Foi há mais ou menos quatro anos?

- Talvez mais. Do contrário eu não teria esquecido. Parece que o esqueci durante uns tempos. E Jorge Morcego me lembrou outra vez.

- Você nunca saiu de São Paulo. Deve ter sido aqui. Foi aqui?

- Deve ter sido.

- Não tem ideia de quantos anos tinha na época?

- Tenho a impressão de que era bem mais nova.

- Talvez tenha sido há mais de quatro anos, mais de cinco…

- Não sei.

- Vai lembrando desse período. Antes você não falava nele. Onde o conheceu? Como? Na rua? Na escola, no metrô… num bar? Dentro de uma casa?

- Não foi na rua.

- Dentro de uma casa?

- É bem provável.

- Casa ou apartamento?

- Isso eu não me lembro.

- Você não o associa… a elevadores?

- Não… não me lembro.

- Deve se lembrar de alguma coisa relacionada a ele. Outra pessoa?

- Por certo. Mas quem?
- Não lembra?
- Não.
- Você e ele não estavam a sós?
- Parece que não.
- Muita gente?
- Sou incapaz de te dizer.
- Não se lembra de ninguém em particular que se relacione com ele?
- Acho que não.
- Quantas vezes o viu?
- Só o vi uma vez.
- Está bem certa a esse respeito?
- Isso eu tenho certeza.
- Só o viu uma vez e não o esqueceu mais?
- Já disse que o esqueci, por algum tempo.
- Mas por uns tempos não esqueceu. E agora que lembrou de novo

não esquece. Como explica isto? Só o viu uma vez.

- Reparei muito nele.

- Sabe que reparou mas não sabe em quem reparou. Naquele tempo você não conhecia Jorge Morcego.

- Mas conhecia meu pai.

- Não vejo relação entre Jorge Morcego e seu pai.

- Mas tem. Eu vejo.

- Temos que esclarecer por que você se preocupa com Jorge Morcego… e com ele. E vai parar de pensar em todos dois. Vai entender que é uma tolice.

- Eu não sou uma tola.

- Ele se parecia com seu pai?

- Eu achava.

- Foi por isso que reparou nele?

- Acho que foi.

- Descreva-o fisicamente.

- Só sei que era magro, tinha cabelo preto, a pele morena… a mesma coisa de Jorge Morcego.

- Continuo achando que nenhum dos dois tem nada a ver com seu pai. Tente se lembrar de alguém que você conhece… ou conheceu, com as mesmas características. Talvez tenha dissociado um do outro. Pode ser alguém que continua por perto e você não sabe que é o tal que está tentando lembrar. Ele pode estar mudado.

- Não me lembro de ninguém nessas condições.

- Portanto era um desconhecido. Um desconhecido a quem você viu uma vez, não tornou a ver, nunca soube quem era… e ele se tornou uma ideia fixa em sua cabeça e dura até hoje. É difícil entender. Estou tentando.

- Gostaria de voltar a vê-lo, é só isso. Para que esse assunto pare de me incomodar. Me senti melhor depois que conheci Hugo Tomás. Não era Jorge Morcego… mas já não penso tanto em Jorge Morcego.

- Pensa no outro.

- Jorge Morcego não existe, é uma fábula, uma ficção.

- O que você pensa desse sujeito a quem viu uma vez também deve ser uma fábula.

- Não sei se é.

- Talvez ele seja uma fábula. A casa era um cinema. Foi outro filme que você viu. Não?

- Não.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Quer dizer que ele existe. Ou existiu. Talvez esteja morto.

- Não sei.

- Que idade ele tinha quando o conheceu?

- Era mais velho do que eu.

- Muito mais velho? Da idade do seu pai?

- Acho que não. Meu pai já tinha cabelo branco. Ele, não.

- Vamos supor que isto aconteceu há 10 anos. Você tinha 10 anos. Se ele tinha 40 e não morreu, hoje tem 50. Por que não o esquece?

- Talvez esqueça. Se me lembrar quem era.

- Pode esquecer antes. Se se lembrar dos motivos. Por que pensa nele?

- Acho que é porque se parecia com meu pai.

- Por que esse fanatismo por sujeitos que se parecem com seu pai?

- Isso eu não sei.
- Ou não quer dizer?
- O que está pensando?
- Nada. Ele era rico?
- Como vou saber?
- Em que tipo de lugar o conheceu? Talvez na casa de algum parente… De amigos de sua família?
- Acho que estou me lembrando. O lugar era rico… mas ele era pobre. Por isso reparei nele. Era um cara pobre num lugar rico. Mal vestido.
- Pensei que fosse por se parecer com seu pai.
- As duas coisas.
- O lugar rico era uma casa?
- Era.
- Luxuosa?
- Não como a minha. Mas não era pobre.
- Era uma residência?

- Era. Agora tenho certeza.

- Não se lembra dos lugares que frequentava… ou há cinco anos ou há dez… na casa de quem você ia? De parentes ou amigos da família… não recorda?

- Nada disso eu lembro.

- Você não era de ir a muitos lugares.

- Mesmo assim não me lembro.

- Havia mais gente por perto. Quem eram essas pessoas?

- Não recordo.

- Que tipo de gente? Homens, mulheres… crianças? Jovens?

- Acho que me lembro. Havia um casal… eram dois casais. Havia duas garotas… ou três.

- Com quem ele estava? Era a parte masculina de um dos casais?

- Não. Ele estava sozinho. Mas com um casal…

- Não eram dois casais?

- Eram dois casais. Mas tinha um casal e ele.

- Como assim? Você viu um grupo de três pessoas… um casal e ele. É isso? Num lugar onde havia mais gente… e esse grupo de três pessoas. Foi assim?

- Acho que foi.

- Tente recordar quem eram essas pessoas.

- Não consigo.

- Pense em pessoas, pessoas que você conhece, e tente associá-las a ele.

- Não adianta.

- Se lembra do lugar? Foi a esse lugar de metrô, de carro… tem certeza que não foi na sua casa?

- Não foi na minha casa e não me lembro se fui de carro ou de metrô ou como fui. Sei que não foi na minha casa.

- Era um edifício?

- Quem dera que eu pudesse me lembrar.

- Tente recordar algum fato associado a ele… ou a esse dia… ou a essa gente… tente relacionar pessoas e fatos… e lugares, se possível.

- Acho que estou me lembrando… Eu estou me lembrando! - exclamou Regina, sob forte excitação.

- Do que se lembra?

- De um fato.

- Que fato?

- A Copa do Mundo!

- Futebol? Onde? Quando? Qual Copa do Mundo? De que ano? Em que país foi?

- A televisão estava ligada…

- Não se lembra de tudo? Ainda não sabe o que aconteceu?

- A televisão estava ligada e passava um jogo da Copa do Mundo. O Brasil estava jogando.

- E essas pessoas assistiam o jogo. Qual Copa do Mundo? Onde foi? Na Espanha? Na Argentina? Alemanha? A da Espanha não pode ter sido. A da Argentina foi em 78. Da Alemanha, em 74. Lembra agora? A de 70, no México, foi há 14 anos… e que saudade.

- Foi a da Argentina, agora me lembro… em 78, não foi? Há 6 anos. Eu tinha 14.

- Descobriu alguma coisa? Chegamos a algum lugar? Continue forçando a memória.

- Já me voltam as lembranças. Ela tinha 20 anos.

- Quem? Quem tinha 20 anos?

- Minha amiga.

- Nunca soube que você tivesse amigas.

- Foi uma amizade que não prosperou e por isto me esqueci de tudo. Tentei ser amiga dela. Ela foi na minha casa algumas vezes e eu fui na dela. Ela estudava Psicologia. E eu pensava que fosse alguém com quem pudesse conversar.

- Não era?

- Creio que não. Tanto que nos separamos e nunca mais a vi.

- E o tal sujeito?

- Estava lá, uma vez que fui na casa dela. No dia do jogo. Foi na casa dela que isto aconteceu.

- O que aconteceu? O que ele era da sua amiga? Você foi apresentada a ele?

- Não.

- Como se chamava sua amiga?

- Olga. Ninguém falava dele. Ele estava lá… só. Só isso. Por isso eu reparei nele.

- Motivos não lhe faltaram para reparar nele. Ele era bonito, você se apaixonou por ele?

- Isto não aconteceu.

- Não era um cara simpático? Bonitão, boa-pinta? Olga sabia quem ele era?

- Devia saber, se estava na casa dela.

- Por isso, não. Podia estar na casa dela sem que ela soubesse quem era. Talvez não soubesse. Tente me explicar direito por que reparou nele e por que pensou nele todo esse tempo. O que havia entre ele e o casal… o grupo de três, você falou… lembra?

- Essas três pessoas eram Olga, o namorado dela e ele.

- Como era o nome dele? Veio à tona?

- Acho que eu nunca soube o nome dele. Não me lembro, agora…

- Continue.

- O namorado da Olga chegou e Olga e ele se sentaram no sofá e ficaram vendo o jogo. Ele também estava sentado no sofá, do lado da Olga… mas não via o jogo.

- O que ele fazia?

- Espera. O outro casal eram os pais dela, da minha amiga, a Olga. E havia, sim, três moças. Uma era Olga, a outra era eu e a terceira, uma amiga da Olga que não lembro o nome, mas conhecia. Ficamos ela e eu conversando… enquanto a Olga ia fazer

sala para o namorado. Depois eu fui embora.

- E o tal sujeito?

- Ficou.

- Ele não tinha nada com a amiga da Olga?

- Não.

- Ele chamou sua atenção por se parecer com seu pai, por ser pobre e se encontrar entre os ricos e também pelo fato de ninguém o mencionar nem explicar sua presença. Correto?

- Creio que sim.

- Mais alguma coisa? O que ele fazia que não via o jogo? Não gostava de futebol? Ou não era brasileiro?

- Me demorei na casa de Olga aquele dia. Se não me engano, a duração do jogo. Durante todo o tempo… ele olhava para Olga. O tempo todo. Ela vendo televisão, sentada com o

namorado… e ele olhando para ela. Olga não olhava para ele, olhava para a televisão, ou para o namorado… e ele não tirava os olhos dela, o tempo inteiro. Por certo pensou que ninguém notava. Eu notei.

- Ele de olho na Olga e você de olho nele. Como o descobriu?

- Tudo eu observo.

- Ninguém mais teria notado, notado nada, só você mesma. Achou estranho que ele olhasse tanto para sua amiga?

- Achei.

- Ela era bonita?

- Muito. Tinha cabelos pretos e olhos azuis, só vendo.

- Isso é extraordinário.

- Tinha a pele muito clara… era linda.

- É possível que fosse mais bonita do que você?

- Acho que ela era mais bonita do que eu.

- Para mim isto é impossível. Esse sujeito não viu você? Eu no lugar dele olhava para você e não para sua amiga Olga, fosse ela quem fosse.

- Ele não me viu. Mesmo que me visse… o problema dele era a Olga. Era uma sala com dois ambientes e eu estava no outro ambiente, com a outra garota. Talvez ele tenha me visto em algum momento, quando passei perto da televisão…

- Se ele não olhava para a televisão…

- Não sei.

- Ele gostava da sua amiga Olga?

- É um bom palpite.

- Mas ela não tinha namorado?

- Tinha.

- E você, não.

- Que significa isto?

- Você cismou com ele. Viu as coisas por este ângulo?

- Que ângulo?

- Ele encantado com sua amiga, que tinha namorado e não dava confiança a ele… e não viu você, que não tinha namorado e reparava nele.

- Não é bem isto.

- O que é, então? Ele não era um rapaz a quem você quisesse namorar? Talvez não fosse muito mais velho do que você. Lembra agora a idade dele?

- Eu tinha 14 anos. Ele era um homem adulto.

- Bem, bem…

- O quê?

- Ainda não entendi nada.

- Pensa que eu entendo?

- Se eu pudesse imaginar que você pensava coisas a respeito dele… mas você não pensa essas coisas.

- Que coisas?

- O que todo mundo pensa.

- Não entendo.

- Não precisa. Levantamos a lebre. E agora? Vamos entender direito por que você pensa nele? Ou já dá para começar a esquecer?

- Acho que sei o que vou fazer.

- O quê? O que você vai fazer?

- Obrigada por ter me ajudado. Não sabe como ajudou… e eu não sei como agradecer. Sem você nunca teria lembrado. Você é bom nisso… essas caçadas.

- Obrigado, pela parte que me toca. Me alegra, que reconheça minhas qualidades. Faça isto mais vezes. Quanto a esse camarada…

- Vou procurar minha amiga e perguntar por ele. Ela deve saber.

- Insiste em ir por esse caminho?

- Há outro?

- Talvez ela não soubesse quem ele era, já que não lhe falou dele. Talvez ele só estivesse lá de passagem. Talvez ele fosse passageiro…

- O quê?

- Você disse que ele estava mal vestido. Podia ser o encanador ou técnico de televisão e ficou para ver o jogo.

- Ele *não viu* o jogo.

- Para que vai procurá-lo?

- Você já perguntou… e eu já respondi. De todas as vezes que perguntou… eu respondi. Perguntou de novo… e vou responder mais uma vez. Espero que seja a última. Justamente

para não pensar mais nele, para esquecê-lo.

- Tem certeza?

- Tenho.

- Jura?

- Juro.

- Pois no meu entender a razão é outra. É possível que você goste dele… eu não sei, acho isso loucura. Se você gostasse de um sujeito que valesse a pena… seria ótimo, mas só pensa nesses caras fora do comum… malucos, marginais… e eu sei lá o que mais.

- Não parece muito satisfeito.

- E posso? Ficaria feliz em colaborar se ele não fosse o encanador… Acha que seria feliz?

- Não sei qual a profissão dele. E você tornou a repetir a pergunta, de maneira diferente. Também vou responder de outra maneira. Não vou ser

feliz… nunca. Nem de um jeito nem de outro. Satisfeito, agora?

- Não vejo a importância desse camarada. Pelo que você disse ele pode bem ter 50, a essa altura, se não morreu. O que quer com ele?

- Agora fez a pergunta da mesma maneira. E não vou responder mais.

- Vai procurar ele?

- Vou.

- Pode se meter numa embrulhada. Sabe disso? Não sabe quem ele é. Pode ser tudo. O pior.

Regina não deu resposta e André não insistiu. Conhecia Regina. Se punha na cabeça algo ninguém a fazia mudar de ideia.

* *

Capítulo 2

Havia uma casa, com paredes brancas e antigas telhas-canal, rodeada de coqueiros e ancestrais e frondosas mangueiras, na parte mais alta de um plano inclinado à qual se chegava por uma estrada que subia por este plano inclinado por entre as árvores. A certa altura, da estrada se via a casa. Nas noites de luar, a fachada branca se destacava em meio à escuridão, e em volta o luar prateava as folhas dos coqueiros.

O chão era coberto de folhas secas. O lugar era um vale, cercado de

morros por todos os lados e, quando ventava, o vento rodopiava no interior do vale como se não encontrasse saída. Sacudia os galhos de árvores, envergando as mais altas, uivava e assobiava. O lugar era conhecido como "Vale da Ventania".

E era habitado. Seu único habitante era quem chegava às noites e contemplava a alvura da casa emergindo de forma espectral do vale de sombras.

Era um lugar isolado. No meio da noite, o morador solitário da velha casa abria a janela de seu quarto, na parte da frente e via o mundo ali fora. Se ventava, dois velhos eucaliptos, à esquerda da casa, tombados sobre ela, inclinavam tanto que os galhos finos das pontas varriam o telhado. Da janela, ele via o céu estrelado. Em baixo das

mangueiras, o negrume era total. E não via mais nada.

Quando o disco chegou, uma noite, em que tendo perdido o sono, o que era comum, se postou à janela, ele de alguma forma o havia imaginado, anteriormente, e previu seu pouso no lugar exato onde isto se deu, uma clareira entre as mangueiras a pouca distância na frente da casa, ao lado do caminho. Não havia outro.

A princípio, ao ver os riscos no céu - eram traços de luz -, pensou em estrelas cadentes, mas eram muitas, que iam e vinham, e só após o pouso da nave entendeu. Pensou também em uma invasão da Terra por parte de seres de outro planeta, mas era uma só nave, que se deslocava no espaço, de um lado para outro, a uma velocidade fantástica. Eles estavam procurando.

Os deslocamentos no espaço, quando a nave se aproximou, produziam silvos agudos, mas de difícil percepção. No mais, a nave era silenciosa. Uma vez tendo localizado o alvo, a estranha aparição pairou como uma pluma no ar acima das mangueiras, desceu mansamente e pousou com suavidade sobre as folhas secas. O terráqueo notou que ainda emitia sons intermitentes, também de detecção não muito fácil, mas talvez fossem os ecos dos silvos anteriores. Eram sons que ele nunca ouviu antes. E um pouco de vento, que espalhou folhas secas.

A nave era um disco perfeito, com uma bolha no centro, de tonalidade cinza-prateado. Nas bordas externas e ao redor da bolha piscavam luzes. Estas luzes eram de intensidade reduzida e persistia a escuridão em volta. A nave

era visível em parte devido a essas luzes e também porque sobre ela incidiam os raios de luar. Era uma visão tão fantasmagórica quanto a casa branca e o diâmetro de uma correspondia ao comprimento da outra, cerca de 15 metros.

Uma nave espacial pousou em seu terreiro e desafiava a razão do terráqueo. Ela estava ali e ele a via. Que mais podia fazer?

À janela, ao perceber o que ocorria, arrepiou-se da cabeça aos pés. Não que acreditasse em discos-voadores, apenas imaginou-os, anteriormente, em suas noites de insônia. Agora, via um no quintal de sua casa e o que podia fazer?

Eletrizado, permaneceu à janela, aguardando os acontecimentos. Depois do arrepio, que o sacudiu de alto abaixo, uma onda de frio gelado invadiu seu

corpo, percorreu-o todo e ocupou-o por inteiro. Sentiu pontadas na base da coluna. Suas pernas ficaram bambas e a fraqueza o dominou. A sensação de fraqueza era integral, estava em toda parte, nos músculos e nos ossos e ele se apoiou no parapeito da janela para não cair. Seu esqueleto como que se transformou em ramos delgados como os das pontas dos eucaliptos, sua carne era pouco mais do que um mingau e ele se encontrava parcialmente congelado.

Contudo permaneceu à janela, de olhos abertos, em parte por ter-se tornado incapaz de fazer movimentos - parecia que não seria capaz de cerrar as pálpebras, se quisesse. Por outro lado, se dependesse dele, não perderia o espetáculo. Talvez pagasse com a vida, e seria difícil tomar a decisão. Ver ou não ver? Que outro homem no mundo viu

seres de outro planeta? No entanto, que adiantava ver se ia morrer?

Se o sangue ainda corria em suas veias, foi resfriado a um grau baixíssimo, a ponto de congelar. A tremedeira passou e o deixou petrificado, como um bloco de gelo. Seus músculos não lhe obedeciam, não conseguia mover-se e o cérebro recusava-se a funcionar. Porém seus olhos ainda enxergavam, ele via a nave entre as mangueiras e tinha consciência dela. Sua consciência debilitada era um grão de areia, de tamanho ínfimo, distante, uma bagatela encerrada no fundo daquele bloco de gelo, lutando contra a dissolução e tentando pensar. Talvez não fosse uma nave extraterrena, afinal. Por que não poderia ter sido construída na Terra?

Alguma coisa aconteceu. Uma porta se abriu e então, sim, jorrou luz do

interior da nave. Formou-se um retângulo luminoso na bolha central e a claridade verteu sobre o chão juncado de folhas secas. O terráqueo, à janela de sua ordinária habitação, transformado pelo pavor em uma coisa vil, insignificante, preparou-se para o pior. Que seres nunca imaginados estavam prestes a desembarcar? Como eram? Pois ele ainda queria ver, manteve os olhos abertos e não parou de olhar.

De fato, avistou uma escada. Não esteve ali antes, mas agora estava. E vultos começaram a sair pelo retângulo luminoso. Iniciou-se o desembarque. Seres espaciais iam pisar o solo da Terra, se não o haviam feito antes.

Ao todo, desceram quatro vultos. Achavam-se agora reunidos ao pé da escada, pisando as folhas secas. Pareciam deliberar sobre o próximo

passo a dar. Quanto à aparência deles… sem sombra de dúvida, eram homens, eram seres humanos, ou tinham esta forma.

O ser vivo comprovadamente humano presente no local, o terráqueo habitante do lugar, hesitou. Os recém-chegados tanto podiam ser humanos quanto alienígenas sob disfarce. E não soube qual seria pior. Na melhor das hipóteses, se não fossem extraterrestres, talvez se sentisse decepcionado, porém certo talvez fosse amedrontar-se ainda mais.

Os alienígenas, se o eram, decidiram-se e, em grupo, marcharam pelo terreno. Pisavam as folhas secas e iam em direção à casa. O terráqueo à janela, ao perdê-los de vista, sentiu o sangue voltar a circular em suas veias. Reaqueceu-se, o calor retornou,

conquanto ainda se sentisse fraco como uma criança. Com movimentos débeis, incertos, recuou, conseguiu fechar a janela e cambaleou para trás.

Não havia luz acesa no interior da casa e ele caiu de joelhos no centro do aposento. Caiu por não poder manter-se de pé, faltaram-lhe as forças. Ali ficou, agora sobre os quatro membros, como um animal. As trevas o rodeavam, em torno da escuridão erguiam-se as paredes da casa e sobre sua cabeça havia um teto. Sua casa, em cujo interior ele se encontrava, era uma concha que o separava do mundo exterior. No exterior havia uma nave talvez vinda de outro planeta e seres que ele não conhecia se aproximavam da casa. Se quisessem invadi-la, não teriam dificuldade, e por certo que o fariam.

Havia uma realidade a enfrentar e ele lutou para recuperar o domínio de si mesmo. Conseguiu pôr-se de pé e encheu de ar os pulmões, movimentando pernas e braços. Lutou contra a fraqueza, contra o medo, lutou contra tudo e, gradativamente, recuperou-se. Tinha que se pôr à altura das circunstâncias e, tanto quanto o permitiam suas minguadas forças, foi o que fez. Arrastou-se através dos cômodos da casa, tão familiar que se orientava no escuro como se luz houvesse, movendo-se rumo à cozinha, uma vez que os vultos tinham ido nesta direção. O caminho terminava na porta da cozinha.

Eles não estavam invadindo a casa. Pelo contrário, batiam na porta.

Tudo tão estranho e ao mesmo tempo habitual. Tinham desembarcado da nave como se tivessem chegado de